

VIOLÊNCIA E REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA NA ACADEMIA

Eronilson Mendes de Sousa¹
Jayanne Susan Kelly Carvalho²
Elizabeth da Silva Guerra³
Ana Goretti de Lima da Silva⁴
Maria Luiza da Silva Lima⁵
Alexandre Gomes Galindo⁶

RESUMO

Este texto é um breve ensaio reflexivo que intenta sistematizar uma análise acadêmica que reflete sobre vivências pessoais e profissionais em contextos de violência escolar, especialmente nas palafitas periféricas fluviais do Vale do Jari, região sul do Amapá. Revisto experiências e, destaco a presença onipresente da violência, desde a infância marcada pelo alcoolismo do meu pai até os desafios enfrentados como professor. A preocupação central é a violência na escola, observada através de assaltos, presença policial e outras manifestações, refletindo a complexidade social e estrutural da região. Além disso, o texto discute a necessidade de compreensão e intervenção na violência escolar, destacando a falta de investimento público na educação e na formação dos professores. Por fim, proponho perspectivas de ações educativas que promovam o diálogo, respeito e solidariedade, visando criar um ambiente escolar mais seguro e propício ao aprendizado. A sugestão é: elaboração de um livro paradidático de Sociologia sobre violência e indisciplina, buscando fornecer recursos educacionais contextualizados e dinâmicos para os alunos e professores.

Palavras-chave: Violência escolar, Vivências pessoais, Reflexões Acadêmica, Educação, Formação docente.

INTRODUÇÃO

Ao fazer uma breve descrição acadêmico-profissional, pude contemplar a sensação de pensamentos, ao rememorar o estranho caminho que percorri até chegar aqui e refletir sobre o que ainda tenho a persistir e contribuir no âmbito educacional amapaense. Para tanto, utilizo certo teor testemunhal, nestes escritos, para abordar

¹ Mestrando do Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, ero.sousa@yahoo.com.br;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, jay-susan@hotmail.com;

³ Especialista em Gestão de Serviços Sociais e Políticas Públicas pela Faculdade Fenom, bethguerra@hotmail.com;

⁴ Graduada em Pedagogia pela Unibversidade Federal do Amapá- UNIFAP, jarianagoretti@yahoo.com;

⁵ Mestre em Ciências da Educação pela Universidade do Paraguay, luisarabiel86@yahoo.com.br;

⁶ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará- UFC, alexandregalindo01@gmail.com.



fragmentos de um “[...] testemunho como tentativa de apresentação do inapresentável [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.134). Desta forma, trago fragmentos que testemunham vivências de uma experiência profissional em meio às palafitas periféricas laranjalenses².

A partir das vivências e experiências profissionais e pessoais venho observando a presença do fenômeno da violência na sociedade em todas as instituições, inclusive na escola. Assim, ressalto que a questão da violência escolar tornou-se uma preocupação pessoal e impulsionou a busca desta problemática, que tem sido objeto de estudo de alguns autores, mencionados ao longo deste trabalho.

Antes de pensar na proposta temática submetida ao Mestrado Profissional Nacional em Sociologia- PROFSOCIO, debruicei-me sobre a pesquisa bibliográfica, na necessidade de delimitação do tema e na busca pelo diferencial de uma proposta de estudos que traga considerável contribuição no âmbito dos estudos sociais. Realizei o estado da arte a partir do banco de dados de teses e dissertações da Capes, tendo como recorte temporal os últimos cinco anos de produções acadêmicas. Com o mapeamento de pesquisas inicial, pude contemplar estudos que se aproximassem do que proponho e perceber o que temos a partir do que pesquisamos.

METODOLOGIA

A metodologia que escolhi para minhas observações oriunda e descrita na minha biografia alcanço a escola para compor os dados de análise. Considero a complexidade da temática abordada e o objeto de estudo, onde proponho o emprego da metodologia qualitativa com alguns aspectos quantitativos. Trata-se de uma investigação de tipo descritivo, hermenêutico e situa-se em uma perspectiva fenomenológica

Nesse sentido, sustento-me nas ideias de Minayo (1994), para quem a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Segundo a autora, a pesquisa qualitativa se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que responde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

² Casas construídas em áreas de várzea, beira do Rio Jari, ou seja, áreas alagadas.



Sobre tal perspectiva de pesquisa, pontua Ferreira (2002, p. 258) “[...] reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar [...]”. Assim, estas pesquisas ganharam cada vez mais visibilidade na academia e aparecerão, nesta intenção, para mostrar o diferencial do que proponho a investigar na pós-graduação *stricto sensu* a nível de mestrado profissional em sociologia.

Neste viés, como requisito de conclusão do curso, propõe-se produzir um livro paradidático de Sociologia sobre violência e indisciplina para auxiliar o aprendizado dos alunos dos 1º anos do Ensino Médio da referida escola e o trabalho dos professores de sociologia. Pois sabemos que a inserção deste recurso didático é uma estratégia que fomenta a formação de alunos leitores, trabalha de forma regionalizada e dinâmica. Ao proporcionar novas abordagens em sala de aula, visando apresentar novas possibilidades de trabalhar a temática de forma contextualizada.

VICÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS EM MEIO ÀS PALAFITAS PERIFÉRICAS FLUVIAIS

Minhas primeiras experiências com a violência se deram no período da infância, dentro de casa, pois sou componente de uma família do interior da região nordeste do Brasil, do estado do Maranhão, e essas famílias possuem a tradição de educar seus filhos com violência. O alcoolismo do meu pai também o fazia ficar violento dentro de casa. Ademais, também sofri *bullying* na escola por meus colegas de classe e também pelos professores.

A partir dessas experiências pessoais com a violência, comecei a me interessar por essa temática, sendo que meus primeiros contatos com o tema se deram na formação acadêmica em Ciências Sociais, pois estudei em livros e participei de discussões com colegas de turma sobre a temática violência, tão presente e atual dentro das famílias, nas escolas, nas ruas e no dia a dia da sociedade brasileira.

Em meio a condições subalternas de um povo dividido entre enchentes e incêndios, marginalidade e um local que ficou conhecido como um dos maiores prostíbulos do mundo, em virtude das proximidades com regiões de garimpos, imergi na condição social e somei forças a um grupo de alunos do ensino fundamental e médio para que juntos, começássemos a situar a voz de subalternos considerados por Spivak (2010) como “[...] as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de



exclusão dos mercados, a representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante .”

Ressalto que, nos anos de docência, observei assaltos, inclusive contra professores, constante presença da Polícia Militar dentro das escolas para apreender usuários de drogas e suas respectivas substâncias entorpecentes, alunos armados, invasão de jovens na quadra poliesportiva das escolas, brigas entre componentes de gangues, etc. Nesse sentido, a experiência deste pesquisador enquanto professor o impulsiona a compreender a violência praticada por alguns alunos e ajudar os educadores a entendê-la de acordo com a realidade vivida pelas instituições e pela comunidade envolvida.

Neste contexto, enfatizo os mais de dezessete anos, por meio da experiência em sala de aula e relatos dos professores do Ensino Fundamental e médio sobre o que me trouxe a inquietação pela problemática da violência praticada pelos alunos e a interferência no trabalho docente e aprendizagem dos educandos. Sobre tal perspectiva, pontua Lima Filho:

“Dentro das “salas de professores” - recantos isolados e “protegidos” dentro dos muros das escolas – e das ainda mais bloqueadas salas de coordenação e diretoria: se dissemina o pensamento de que a livre expressão identitária dos jovens no ambiente escolar é um risco à disciplina” (LIMA FILHO, 2014, p. 112).

Desta forma, saliento a coerência da temática de estudos que, a meu ver, se enquadra na linha de pesquisa: “Educação, Escola e Sociedade”, haja vista que, reflexões contemporâneas sobre a temática Violência e Indisciplina na Educação concentram uma discussão fundamental. Para tanto, precisamos compreender que a Sociedade Brasileira é violenta em consequência de sua conjuntura estrutural e, desta forma, uma das hipóteses das causas da violência é sua banalização nos meios de comunicação em massa e no cotidiano escolar, onde temos grupos propícios ao sistema capitalista que gera alienação, comodismo, irresponsabilidade, insensibilidade, e nenhuma solidariedade com o próximo.

Conforme Clareto (2005), a violência e a segurança pública em Laranjal do Jari/AP são preocupantes, principalmente na beira, ou seja, nos bairros que ficam à beira do rio Jari, Malvina, Santarém, Dois Irmãos etc. Isso ocorre pois existem gangues de jovens que provocam muitos conflitos, inclusive com mortes, sendo que a violência doméstica também se faz muito presente nesses bairros. As armas mais comuns são as facas ou os terçados (facões de grandes proporções). É muito comum, então, que os jovens apresentem cicatrizes pelo corpo: marcas que comprovam a violência constante com o uso das armas brancas.



Conforme aponta Clareto (2003), as áreas identificadas como as mais violentas são a Rua da Usina, atrás do Ginásio da escola supracitada, o início da passarela Vagalume e a Curva do Falcão. Desse modo, casos de violência são corriqueiros e, por esse motivo, o município é considerado pela população local como muito violento em quase todos os pontos, principalmente na Beira.

Tabela 1 – Relatório da Polícia Civil

Categoria	Número de registros
Apresentação de pessoas com objetos ou reclamação	15
Lesão corporal	02
Homicídios	01
Furtos	22
Vias de Fatos	02
Perturbação de Sossego	01
Ameaças	03
Roubos	21
Mandado de prisão preventiva	01
Dano em veículo automotor	01
Perda de Celular	01
Estupro	01
Tentativa de Homicídio	01

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Laranjal Do Jari – AP, 2017.

A priori, é necessário especificar as particularidades dos lócus de pesquisa e é importante situar o contexto histórico e institucional para entender a importância deste estudo. Para tanto, verificou-se que a população do município de Laranjal do Jari/AP, de acordo com o Censo de 2021, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), soma 52.302 habitantes. Possui 29.699 km² de área e é um município heterogêneo em função de todas as diversidades que apresenta.

A principal atividade econômica do Município de Laranjal do Jari é a prestação de serviço, mão de obra para o Polo Industrial Caulim da Amazônia S.A-CADAM, Jari Celulose, Orsa Florestal, Marquesa e demais empresas prestadoras de serviço para as empresas principais, que se localizam do outro lado do rio, em Munguba e Monte Dourado, distritos de Almeirim/PA.



Já no trabalho informal, existem muitos vendedores ambulantes, que a população local denomina de marreteiros, os quais vendem frutas, farinha de mandioca, peixe, galinha e outros produtos no meio das ruas na beira, bem próximo da escola investigada. A principal produção de Laranjal do Jarí/Ap é a extração de minério, de madeira, de castanha-do-brasil e a agricultura, que, sendo explorada corretamente, traria grandes benefícios para o município.

Ressalta-se que a comunidade escolar é constituída basicamente por pessoas de baixa renda. A renda dos pais dos educandos e dos alunos adultos é originária de trabalhos em empresas de silviculturas constituídas por empresas prestadoras de serviços à indústria de celulose e outra parcela da comunidade é formada por trabalhadores autônomos.

Devido a essas condições, muitas famílias são desestruturadas, sendo que muitos alunos vivem com os avós, pois os pais, em muitos casos, quando não conseguem empregos locais, vão para outras cidades ou para garimpos em busca de trabalho. Todos esses aspectos são relevantes para análise desta pesquisa sobre o fenômeno da violência escolar.

A situação do Município de Laranjal do Jarí³ na área da educação vive um desmonte social e um descaso por parte do poder público; falta investimento na formação continuada dos professores; faltam funcionários suficientes para suprir a demanda das escolas; falta material didático, salas adequadas, merenda escolar, cadeiras, etc. E como se não bastasse, soma-se a essa situação a desmotivação dos funcionários e alunos para fazer da educação um instrumento de transformação social. Bem como o grande índice de indisciplina e violência que se desdobra em várias formas no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, são muitos os anseios que me levam a pleitear uma vaga no Mestrado profissional no âmbito do Profsocio. Dentre eles, se destacam a possibilidade de desenvolvimento profissional, na necessidade de ampliar conhecimentos e melhorar a atuação docente, onde busco capacitação que me possibilite utilizar novas metodologias de ensino, baseadas na interdisciplinaridade e na pluralidade.

A escolha do tema violência se deu porque percebo que os problemas da violência nas escolas se tornaram um dos principais desafios que preocupam educadores, famílias e demais entidades e/ou autoridades responsáveis, pois esses problemas afetam o contexto escolar em diversos aspectos, tais como: as relações interpessoais em salas de aula, nas

³**Laranjal do Jari** é um município no sul do Estado do Amapá. A população estimada em 2021 era de 52.302 habitantes e a área é de 29.699 km², o que resulta numa densidade demográfica de cerca de 1,21 hab/km².



famílias e no seio social, que prejudica o processo de ensino e aprendizagem, socialização, acesso a cultura e formação do cidadão (a). Desta forma, representam um obstáculo que precisa ser investigado com o objetivo de, através do viés científico, estudar o fenômeno da violência, que representa um desafio e uma mudança de paradigma escolar, com novas visões, teorias e práticas educacionais.

Enfatizo a proposta para que o nosso cenário escolar possa ser analisado levando em consideração os indicativos de problemas e a necessidade de transformação educacional, haja vista, que os instrumentos que vem sendo utilizados como regulação social e repressão em forma de punição escolar sem uma conscientização e orientação adequadas se mostraram pouco efetivos e inconsistentes pedagogicamente.

A proposta imergi em meio a um lugar conhecido pelos fragmentos históricos e resquícios de comportamentos atuais que corroboram para o reconhecimento dos lócus de estudo marcado pela prostituição, violência, elevado índice de criminalidade e uso de drogas que interfere diretamente no âmbito educacional dada a vivência do alunado atendido pelas escolas de camadas periféricas e tradicionais palafitas do Vale do Jari.

REFLEXÕES FILOSÓFICAS E SOCIOLÓGICAS SOBRE A TEMÁTICA EM CONTEXTOS ESCOLARES

Desta forma, conforme aponta Chauí (1994), quando acompanhamos a história das ideias éticas, podemos perceber sua relação com o problema da Violência e dos meios para evitá-la, ou controlá-la. “[...] diferentes formações sociais e culturais instituíram conjuntos de valores éticos como padrões de conduta, de relações intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a integridade física e psíquica de seus membros e a conservação do grupo social [...]” (CHAUÍ, 1994).

Nesse sentido, Chauí (1994) aponta que em nossa cultura, a violência é percebida como o uso da força física e do constrangimento psíquico. Neste viés afirma que “[...] os valores éticos se oferecem, portanto, como expressão e garantia da nossa condição de sujeitos, proibindo moralmente que nos transformem em coisa [...]” (CHAUÍ, 1994, P.337). Acredito que a escola pode desenvolver mecanismos para coibir, conter e minimizar os atos de violência e Indisciplina em seu ambiente.

Assim sendo, acredito que as escolas, através do investimento na formação dos professores e na estrutura como um todo, podem lançar mão de estratégias de ensino e de aprendizagem que valorizem o diálogo, o respeito, a solidariedade, mudanças de



comportamentos, e tornar o ambiente escolar mais harmônico e proporcionar a socialização e construção do saber. Assim como, formar sujeitos autônomos e capazes de defrontar-se com a violência presentes na escola e em outros meios de convivência, e buscar formas mais justas, não conflituosas e mais aceitáveis de convívio com os outros.

A compreensão desse ambiente conflitivo- até explosivo que é a situação do jovem dentro da escola, é fundamental para que se discutam mudanças nesse regime. Isso poderia evitar a radicalização do conflito no contexto brasileiro atua e evitar tragédias maiores em futuro breve. Ademias, a Sociologia imersa nesse ambiente- como ciência e disciplina pode contribuir e abrir grande campo de atuação. (LIMA FILHO, 2014, P.114).

Para tanto, precisamos vislumbrar a escola não apenas como um lugar em que se ensinam conhecimentos e transmite conteúdos, mas também onde se aprende a viver com os outros e a respeitá-los, onde os alunos possam discutir seus problemas e compreender a necessidade das regras como algo que organiza as relações e auxilia a convivência. A escola deve incentivar a sensibilidade ética, mais do que transmitir apenas normas e princípios de conduta.

Converte-se em um âmbito de reflexão individual e cotidiana que permita elaborar racional e automaticamente princípios gerais de valor, princípios que ajudem a defrontar-se criticamente com a realidade como a violência, a tortura e a guerra. [...] ajudar a analisar criticamente a realidade cotidiana e as normas sócio-morais vigentes, de modo que contribua para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência. [...] Formar hábitos de convivência que reforcem valores como a justiça, a solidariedade, a cooperação ou o cuidado com os demais (PUIG, 1998, p. 16, grifos nosso).

Durkheim (s/d) se refere a educação como resultado das ações que são exercidas numa sociedade hereditária, adaptando o conhecimento empírico da criança ao meio social por condições metódicas, pelas observações independentemente de escolas, regiões, salários ou ano é que vamos compreender perfeitamente os fatos definidos. Tanto os pais como os mestres necessitam se comunicar constantemente em virtude do processo de ensino e de aprendizagem e com os resultados das experiências de vida, atitudes, atos ou ações que praticamos influímos de maneira significativa no desenvolvimento do indivíduo e esses estudos devem ser dos fatos que realmente conhecemos, realizamos e observamos.

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estado físico, intelectuais e morais, reclamadas pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM, s/d. p. 32, grifos nosso).

Durkheim (s/d) ainda afirma para que seja possível aplicar as transformações e reflexões do sistema educativo, precisamos ter conhecimento de causa, a ação que



convêm. Somos influenciados por algumas das grandes ideologias sociais, pois se a sociedade tivesse como ponto de partida o individualismo à educação teria consequentemente um apreço comum. É preciso conhecer a sociedade, suas transformações, suas necessidades, falhas, acertos e gerações e com ela e sobre ela que vamos buscar suprir nossas precisões intelectuais e sociais.

Dito isto, entendo que uma educação pública de qualidade proporciona uma melhor qualidade de vida para seu povo e dá acesso à cidadania para que possamos viver em uma Sociedade verdadeiramente democrática, concentrando esforços para minimizar os problemas sociais, promovendo os alunos como pessoas de direitos e de deveres, respeitando-os e levando-os às últimas consequências na defesa da dignidade humana, realizando uma docência na dimensão ética do ser humano para reduzir as desigualdades de sucesso escolar entre as classes sociais e facilitar a mobilidade social dos alunos.

É preciso, portanto, pensar pesquisas sociológicas que transitem nesses dois campos: e com isso não apenas acham novas perspectivas analíticas, mas orientem a ação da sociologia- e do professor de sociologia- dentro desse “ novo “ espaço escolar. Ou seja, precisamos unir aquilo que jamais deveria ser separado: culturas juvenis e escola (LIMA FILHO, 2014, p.104).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dada a complexidade e a multicasualidade do fenômeno da violência, pontuo a definição do termo violência, que, segundo Muchembled (2012), surgiu na França (*la violence*), no início do século XVIII, originado do termo latim *vil*, que remete ao uso da força ou do vigor e caracteriza um ser humano colérico e brutal. Tem-se, então, que a violência ocorre dentro de contextos em que há relações de força, visando sempre submeter ou constranger outro ser humano.

Compreendo, ainda, que a estrutura da sociedade competitiva, tecnológica e consumista também contribui para a prática da violência entre os sujeitos mais vulneráveis, especialmente os jovens, pois, em uma sociedade regida pela lógica do consumo, que prega a necessidade da aquisição de bens materiais a qualquer custo, é natural que as expectativas de consumo levem esses jovens à prática de atos ilícitos e violentos.

Conforme aponta Rebellato (1999), o modelo de desenvolvimento proposto pela cultura neoliberal supõe a destruição e a exclusão de vidas humanas e da natureza. Isso é um progresso entendido de forma linear e acumulativo, supondo que o crescimento de



forças tecnológicas seja paralelo ao crescimento moral e ético da humanidade e que o uso dos recursos naturais seja ilimitado. Como consequência, surgem novas patologias ligadas à violência resultante da rejeição de uma sociedade excludente, ou seja, a violência como expressão da competitividade onde impera o egoísmo em detrimento do altruísmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rememorar vivências e experiências em contextos de favelas periféricas fluviais, percorreu-se uma trajetória intelectual reflexiva através de pesquisa bibliográfica na perspectiva filosófica e sociológica sobre a temática da violência e indisciplina escolar. Neste percurso, observou-se que o fenômeno da violência se faz presente em todas as instituições sociais, principalmente na escola. O qual tornou-se para este autor uma preocupação pessoal, que o impulsionou à imersão nos lócus de pesquisa.

Para tanto, as referidas experiências e vivências possibilitou a compreender que a violência e indisciplina se faz presente nas escolas devido a estrutura e conjuntura da sociedade, sua banalização nos meios de comunicação e no cotidiano escolar. Conforme aponta Clareto (2003), a violência e a segurança pública em Laranjal do Jari/Ap são preocupantes devido seu contexto histórico e sua estrutura urbana, com casas aglomeradas em áreas de ressacas, a presença de bares, casas noturnas e cassinos clandestinos na parte baixa da cidade e a existência de gangues e facções.

Neste sentido, consciente da que as escolas não estão preparadas no que se refere a estrutura física e humana para lidar com problemática da violência e indisciplina escolar, sugere-se o investimento na formação dos professores, para que possam se apropriar de estratégias de ensino e de aprendizagens que valorizem o diálogo, respeito, empatia, solidariedade, cooperação e mudanças de comportamentos para tornar o ambiente escolar harmônico e propício ao aprendizado dos alunos e ao trabalho dos docentes.

REFERÊNCIAS



CLARETO, Sônia Maria. **Espaço urbano e ocupação espacial na Amazônia Brasileira: um estudo de espacialidades em Laranjal do Jari (AM).** In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 3480-3504.

CLARETO, Sônia Maria. **Terceiras Margens:** um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá). 2003. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

CHAUÍ, M. **Convite á Filosofia.** São Paulo: Ática, 1994.
DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** Lisboa. 5. ed. Edições melhoramentos. s/d.
FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”.** Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. **Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos.** Revista de Ciências Sociais (UFC), v.45, p.103-118,2014.
Disponível: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2421>.
PUIG; J.M. **A Construção da personalidade Moral.** São Paulo: Editora Ática, 1998.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (coord.). **Pesquisa social:** teoria métodos e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MUCHEMBLED, Robert. **História da Violência:** do fim da idade média aos nossos dias. Tradução De Abner Chiquieri. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2012.

POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO AMAPÁ. **Portal institucional.** Disponível em: <http://www.policiacivil.ap.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LARANJAL DO JARI. **Portal institucional.** Disponível em: <https://www.prefeituramunicipaldelaranjaldojari.com.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

REBELLATO, Jose Luis. La globalización y su impacto educativo-cultural. El nuevo horizonte posible. **Revista de la multiversidad Franciscana de América Latina,** Montevideo, v. 19-20, n. 8, p. 23-51, 1999.

Ribeiro D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). 2003. **História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes,** Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

